

Hermenêutica bíblica cristã: abordagem e implicações a partir da teologia feminista

Christian Biblical Hermeneutics: Approach and Implications from Feminist Theology

Tiago Dias de Souza¹
Flávio Schmitt²

RESUMO

O presente texto aborda alguns aspectos referentes à hermenêutica bíblica cristã a partir da perspectiva da Teologia Feminista. Percebemos que dentro desta temática existem uma diversidade de perspectivas e uma multiplicidade de correntes que transitam dentro do tema. Não dá para falar de Teologia Feminista sem levar em consideração todos os pressupostos existentes, bem como sua atual composição. Assim, a Teologia Feminista nos convida a repensar as próprias crenças e fazer uma releitura que esteja de acordo com as necessidades de diversos grupos sociais. Embora paulatinamente tenha surgindo algumas linhas de pensamento dentro desta teologia, estas linhas de pensamento são correntes e/ou vertentes que contribuem para o fortalecimento do pensamento de que é preciso refletir/desconstruir a identidade feminina, pois esta identidade construída ao longo dos tempos não passa de uma construção patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE

Hermenêutica bíblica cristã. Teologia Feminista. Perspectivas.

ABSTRACT

The present text addresses some aspects related to Christian biblical hermeneutics from the perspective of Feminist Theology. We realize that

¹ Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST) em São Leopoldo/RS, Brasil. Bolsista da CAPES. E-mail: pr.tiagodias@hotmail.com.

² Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Email: Flavio@Est.edu.br.

within this theme there are a diversity of perspectives and a multiplicity of currents that move within the theme. We can't speak of Feminist Theology without taking into account all the existing presuppositions, as well as its present composition. Thus, Feminist Theology invites us to rethink our own beliefs and rethink the needs of different social groups. Although some lines of thought have gradually emerged within this theology, these lines of thought are currents and/or strands which contribute to the strengthening of the thought that it is necessary to reflect/deconstruct the Feminine identity, since this identity built over the times is nothing more than a patriarchal construction.

KEYWORDS

Christian Biblical Hermeneutics. Feminist Theology. Perspectives.

Introdução

O universo feminino reclama por espaço. O reconhecimento da presença feminina nos mais diferentes âmbitos da sociedade urge. O presente trabalho aborda alguns aspectos referentes à hermenêutica bíblica cristã a partir da perspectiva da Teologia Feminista servindo como ponto de partida para obter uma visão panorâmica do tema em suas respectivas facetas.

Conforme Gebara (2007, 2015), a teologia feminista é parte de uma revolução cultural dos séculos XX e XXI, uma revolução que ainda está em seus primeiros passos. O feminismo do século XX foi precursor de mudanças não apenas no campo da teologia e filosofia, mas também no quesito político e social. Estas mudanças e avanços da luta feminista tem contribuído na construção de uma relação de maior igualdade entre homens e mulheres na sociedade, o que levou algumas teólogas a fazerem uma releitura da figura patriarcal de Deus como versa o texto bíblico.

O texto tem como propósito fazer uma discussão da Teologia Feminista, sem tentar impor direta ou indiretamente convicções pessoais sobre o assunto que venham descaracterizar sua proposta inicial, mas expor o pensamento de algumas teólogas e teólogos sobre o porquê de uma nova abordagem teológica.

Nosso propósito será empenharmo-nos ao máximo para descrever o que levou um grupo de mulheres a estudar as Escrituras e repensar uma nova maneira de reler a Bíblia sem que a mulher ficasse à margem da sociedade, conforme elas defendem.

O interesse se concentra em verificar como tudo aconteceu e quem foram as principais proponentes para uma Teologia Feminista, como se deu o desenvolvimento de uma Hermenêutica Feminista em uma sociedade tida como patriarcal³, androcêntrica⁴; como ocorreu o processo de solidificação bíblico/teológico ou bíblico/sociológico para uma abordagem feminista na teologia?

Após discorrer pelos diversos caminhos supracitados, pretendemos chegar a uma conjuntura atual da Teologia Feminista com o objetivo de saber em que consiste atualmente a Teologia Feminista. Quais são as linhas de interpretação dentro deste seguimento, se é que existe mais que uma? Que “bandeira” está promovendo? O discurso feminista é mais de âmbito teológico, filosófico, sociológico ou político? Ou quem sabe sejam os quatro?

Entre os séculos XVI e XVII surgiram algumas filosofias que abalaram a estrutura teológica da Igreja e trouxeram certos questionamentos quanto à autoridade da Bíblia. Grandes pensadores e pensadoras começaram a questionar a Deus e a Bíblia, como também o conceito de certo e errado, verdade e mentira, bem e mal, sagrado e profano; para eles/as, tudo não passava de ideias construídas pelo ser humano no decorrer do tempo, e que poderiam ser reconstruídas caso fosse necessário.⁵

³ Num contexto antropológico, patriarcal é o termo que descreve um sistema de organização social, formado a partir de células familiares estruturadas de tal forma que as tarefas, as funções e a noção de identidade de cada um dos sexos estão definidas de uma forma distinta e oposta, sendo estabelecido que as posições de poder, privilégio e autoridade pertencem aos elementos masculinos, que ao nível familiar, quer ao nível mais lato da sociedade no seu todo (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 145).

⁴ Termo cunhado por Charlotte Perkins Gilman para designar um sistema de pensamento centrado em valores de identidade masculinos, no qual a mulher é vista como um desvio à norma, tomando como referência o masculino (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 3).

⁵ Encabeçados pelo “impressionante florescimento cultural ocorrido no fim do século XIV, que começou no norte da Itália e depois se espalhou rapidamente para o norte da Europa, no decorrer dos séculos XV e XVI,” período conhecido por Renascença, seguido pelo “período Barroco, século XVII”; surge, então, na França, no século

Paulatinamente, o modelo de divindade conhecida até então como verdade única já não fazia mais sentido à vida; a confiança na ciência e na razão deveria estar acima dos pressupostos “dogmáticos” tidos como verdade absoluta. A verdade por assim dizer, se tornaria relativa. E por que não a verdade à cerca de Deus?

Se a divindade como entendida era uma construção da sociedade, cada um poderia criar Deus à sua própria realidade. Com isto criou-se uma visão diferente do ser humano, onde Deus poderia ser “ajustado” a esfera humana. Sendo assim, a mulher como parte da humanidade precisava se apropriar desses mecanismos e “trazer” Deus à esfera feminina.

Para que ocorresse tal fato, haveria de se desconstruir as características históricas de uma divindade que se apresentava como um Ser do sexo masculino. Para as teólogas feministas a submissão da mulher em relação ao homem se dava pelo fato de que segundo elas, a Bíblia é um livro escrito em uma cultura patriarcal onde o lugar designado para a mulher era o de dependência da figura masculina como se tudo fosse uma pretensa vontade divina, e que deveria ser aceita tal qual está escrito na Bíblia. Além disso, a interpretação bíblica também era pautada por uma agenda patriarcal.

Assim, a Teologia Feminista nos convida a repensar as próprias crenças e fazer uma releitura que esteja de acordo com as necessidades de diversos grupos de pessoas e que seja relevante no contexto social em que vivem.

No final do século XIX, Elizabeth Cady Stanton⁷ liderou um grupo de mulheres cristãs norte-americanas, onde passaram a se reunirem periodicamente a fim de estudarem a Bíblia. O propósito era analisar todas

XVIII, um movimento intelectual denominado por Iluminismo. Grandes pensadores, tais como: René Descartes, John Locke, Voltaire, etc. começaram a questionar a Deus e a Bíblia, como também o conceito de certo e errado, verdade e mentira, bem e mal, sagrado e profano; para eles, tudo não passava de ideias construídas pelo homem no decorrer do tempo, e que poderiam ser reconstruídas caso fosse necessário.

⁶ O “dogma” designa, no uso teológico atual, uma verdade que a Igreja põe como algo que se deve crer [...]. Emprega-se também em sentido mais amplo, para designar verdades de fé que não foram formalmente “erigidas em dogma” (como p. ex., a confissão trinitária) (LACOSTE, 2004, p. 568).

⁷ Para maiores informações ver POWELL, Jim. Disponível em: <<http://ordemlivre.org/posts/biografia-elizabeth-stanton>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

as passagens bíblicas onde havia referência à mulher a fim de interpretá-las à luz da consciência que a mulher tinha de si mesma. Para este grupo de mulheres, a Bíblia era considerada um livro político utilizado como arma contra a emancipação da mulher; portanto, seria necessário reinterpretar a Bíblia pelas “lentes” da mulher.

A partir desses encontros, entre os anos de 1895 e 1898 nasceu a *Woman's Bible* (Bíblia da Mulher), uma obra que gerou muita polêmica no protestantismo norte-americano. A reinterpretação da Bíblia por um grupo de mulheres foi um fato marcante, tanto cultural quanto eclesial que foi amadurecendo no seio de comunidades cristãs, servido como ponto de partida de um processo que levaria mais a diante à elaboração do projeto de uma teologia feminista. No entanto, observamos que o debate teológico a partir do feminismo tem uma história mais complexa e extensa.

Para as teólogas feministas, o Deus de Israel, conforme descrito pela Bíblia não era familiar à mulher. Ele estaria muito distante do mundo feminino, além de que, de certo modo, servia como um entrave para o avanço do papel da mulher, tanto social, político e religioso. Para elas, Deus estava aquém de seus ideais.

O Deus das Escrituras estava ao lado dos homens cooperando com eles, sem dar a mínima importância para as mulheres. Elas precisavam, portanto, desconstruir a imagem masculina do Deus da Bíblia e a partir daí reconstruir um Deus que fosse mais próximo à mulher.

A perspectiva Feminista do movimento desencadeado pelas mulheres pode ser encontrado em várias religiões, que reconsidera as tradições, práticas, escrituras e teologias dessas religiões a partir de uma perspectiva feminista⁸. Assim, faz-se necessário uma abordagem a partir de uma leitura da Bíblia numa perspectiva feminina.

⁸ O feminismo é um movimento político que defende a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. O feminismo se originou ainda no século XIX e sua principal motivação girava em torno da valorização das experiências das mulheres e de suas críticas às desigualdades sociais relativas aos sexos e à promoção da luta pelo direito das mulheres, principalmente com relação ao voto e direito ao trabalho remunerado. No entanto, sua popularização só se deu a partir das primeiras décadas do século XX (BLASI; BRUN; DILLENBURG, 2016, p. 10-11).

1. Leituras feministas da Bíblia

Quando falamos em Teologia Feminista não nos referimos apenas a um bloco unitário em que é possível ter uma uniformidade de ideias a respeito do assunto; Teologia Feminista é mais ampla do que se imagina.

Percebemos então que dentro da Teologia Feminista existe uma diversidade de perspectivas e uma multiplicidade de correntes que transita dentro do tema. Não dá para falar de Teologia Feminista sem levar em consideração todos os pressupostos existentes, bem como sua atual composição.

Dentro da Teologia Feminista existe um amplo campo de estudo, onde teólogas e teólogos sejam católicos, protestantes, e até quem não crê em Deus – como descrito na Bíblia – transitam dentro de suas respectivas propostas teológicas em função do desenvolvimento e solidificação da Teologia Feminista.

Vale ressaltar que nem todas as proponentes por uma Teologia Feminista pensem da mesma maneira e que seus conceitos sejam parecidos em tudo; entre elas existem diversas linhas de pensamento a respeito do tema. Mas despeito das diversas concepções que há, não significa que seja algo que não tenha consistência, pelo contrário, a diversidade tem se tornado como um ponto forte no qual o campo teológico vem sendo impactado nas últimas duas décadas.

Sendo assim, verificamos que dentro da Teologia Feminista – paulatinamente – tenha surgindo algumas linhas de pensamento quanto à mesma; estas linhas de pensamento são correntes ou se preferirem, vertentes, da Teologia Feminista.

2. Correntes da Teologia Feminista

Uma vez que o patriarcalismo cria um conceito de que a mulher é inferior ao homem, e tendo em vista que para as feministas isto não passa de algo construído pela sociedade “machista” ao logo dos tempos, elas então passam a criar algumas teorias inquiridoras a respeito da composição biológica do homem e da mulher.

Pautadas no discurso do patriarcalismo, muitas teorias feministas vão começar a questionar acerca da diferenciação homem/mulher a partir de uma perspectiva biológica, com isso partirão para uma investigação em que perceberão que uma identidade feminina foi construída ao longo do tempo, e que, portanto uma construção socio-cultural do feminino foi à responsável pela permanência da mulher na situação de subordinação em que se encontrava.⁹

Surgem então algumas perspectivas que contribuem para o fortalecimento do pensamento de que é preciso refletir/desconstruir a identidade feminina, pois conforme o texto supracitado, esta identidade feminina construída ao logo dos tempos, não passa de uma construção patriarcal.

2.1. Primeira corrente

Conhecida como a corrente base da Teologia Feminista e tendo como seu fundamento a tradição bíblico/cristã, utiliza-se de suas instituições para promover seu discurso com um viés profético frente à sociedade, e especificamente frente à Igreja Católica. Nesta corrente o discurso permanece cristão; poderíamos dizer então, que a primeira corrente é a mais conservadora de todas.

Assim como as demais correntes, este grupo acredita que é preciso reinterpretar a Bíblia na ótica da mulher, sem que haja necessidade de sair do campo teológico; pois para elas a Bíblia por si só demonstra um desenvolvimento hermenêutico de despatriarcalização¹⁰. O papel da Teologia Feminista – neste caso – seria expor este desenvolvimento que ocorre a partir das Escrituras.

Vale ressaltar que, por mais que falem de um desenvolvimento que provenha da Bíblia, elas continuam acreditando que o texto bíblico é patriarcal, com uma ressalva – a mensagem pode ser adaptada para a questão da libertação da mulher.

⁹ JUNIOR, José Nunes dos Santos; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. O movimento feminista enquanto projeto de emancipação para o pastorado feminino. In _____: XIII SIMPÓSIO DA ABHR. São Luiz – MA, GT: Gênero e Religião, 2012. p. 4.

¹⁰ Desconstrução de uma do patriarcado como figura central, neste caso, no campo religioso.

2.2. Segunda corrente

A segunda corrente não está ligada a tradição bíblico/cristã como a primeira; o discurso parte para o campo religioso onde a Bíblia já não é tida mais como um livro confiável, mas sim como escritos cheios de mitos e discursos carregados de ditames de uma sociedade dominada pelo ser humano masculino.

As teólogas e teólogos desta corrente transitam por caminhos que vão além dos cristãos. Acreditam que Deus esteja preso a concepções de uma hermenêutica¹¹ masculina mal estruturada tanto historicamente quanto gramaticalmente.

Para essas teólogas e teólogos, a sociedade em que vivemos é uma sociedade sexista¹² onde os parâmetros de estrutura social existentes provem de um mundo patriarcal. Advogam que para se libertarem dessas estruturas opressoras necessitam buscar novas experiências fora da teologia bíblica tradicional; essas novas experiências dizem, abrirão novos caminhos onde à mulher possa se encontrar consigo mesma, e em decorrência disto ter um encontro com Deus – que o chamam de força enérgica do universo que move o mundo.

2.3. Terceira corrente

Baseando-se na tese do jurista e antropólogo suíço Johann Jakob Bachofen – evolucionista – que defendeu suas teorias sobre o matriarcado na Pré-história, onde ele afirma a maternidade como a fonte de toda a humanidade; algumas teólogas desta corrente afirmam que o matriarcado¹³ precede ao patriarcado; ou seja, houve um tempo em que o mundo era “dominado” pelas mulheres.

Com o intuito de “voltar” ao tempo do matriarcado onde, segundo elas, a mulher não estava sujeita ao domínio do homem, passam então a

¹¹ Método que visa a interpretação de textos filosóficos, religiosos, etc (FERREIRA, 2001, p. 362).

¹² O sexíssimo é a discriminação ou tratamento indigno a um determinado gênero, ou ainda a determinada identidade sexual, e orientação sexual.

¹³ Matriarcado significa uma forma de sociedade de direito materno em que tanto a estrutura familiar como a economia e a política, e também a religião, possuem cunho feminino (ELISABETH, 1996, p. 302).

se apropriar de alguns emblemas religiosos deste período Pré-histórico¹⁴ para assim, poderem desenvolver a espiritualidade materna – da mulher.

Em busca desta “espiritualidade” da mulher, elas/es propõem retomar o culto da Deusa.¹⁵ Citaremos quatro motivos pelo qual algumas teólogas e teólogos da terceira corrente propõem a volta da Deusa nesta nova espiritualidade feminina.

a) Se os símbolos da religião patriarcal têm profundos efeitos psicológicos e políticos, e servem para confirmar o poder do homem, o símbolo da Deusa significa a afirmação do poder feminino como poder benéfico e criativo; b) se a religião patriarcal denegriu as mulheres como mais carnis e mais ligadas aos ciclos da natureza em sua corporeidade, o símbolo da Deusa significa uma afirmação positiva e jubilosa do corpo feminino e dos seus ciclos; c) se a religião patriarcal desvalorizou a vontade da mulher como passiva, remissiva e mais suggestionável ao mal, o símbolo da Deusa significa afirmação positiva da vontade feminina como energia que deve ser afirmada em harmonia com a energia e com a vontade dos outros seres; d) além disso, o símbolo da Deusa serve para fortalecer os vínculos que intercorrem entre as mulheres e que se exprimem na irmandade. A Deusa, aqui redescoberta, é vista por algumas feministas como divindade feminina que personifica o poder das mulheres, e que pode ser também invocada na oração e no ritual; (...) é vista como símbolo do novo poder das mulheres; é o nome transcendente da reencontrada identidade no caminho da autotranscedência.¹⁶

Percebemos que a segunda e terceira corrente fogem dos propósitos e objetivos notadas nas características militantes da Teologia Feminista

¹⁴ História dos tempos anteriores ao aparecimento dos primeiros documentos escritos. A pré-história estende-se até a idade dos metais, isto é, por volta do ano 2.000 a.C (KOOGAN, 1993, p. 673).

¹⁵ Na maioria das civilizações pagãs, as deusas são conhecidas como criadoras do Universo, são geradoras de vida, etc. O termo se refere a uma divindade pagã feminina que fora cultuada no início da história da humanidade, e que com o passar dos tempos foi suplantada por uma divindade masculina, que por sua vez deu origem ao patriarcado.

¹⁶ FILHO, Augusto Bello de Souza. A teologia feminista. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

mais conservadora. Essas duas correntes ultrapassam os limites da fé cristã perdendo assim seu sentido de ser; passam a ser mais uma ideologia espiritualista que um movimento militante de libertação da mulher.

Para a segunda e terceira corrente, tanto o texto quanto a mensagem bíblica são patriarcais e não servem para ser empregada como ferramentas confiáveis de se fazer uma Teologia Feminista.

2.4. Hermenêutica bíblica feminista

Fica evidente que para alcançarem os objetivos que pretendem as teólogas feministas precisam fazer uma releitura hermenêutica de vários textos bíblicos, religiosos e arqueológicos.

Portanto, primeiramente deveria fazer uma revisão do texto sagrado, isso seria o ponto de partida para ocorrer uma mudança no campo social, pois para elas, a “exclusão” da mulher na sociedade se deve pelo fato de que antes foram excluídas na igreja. Creem que a força motriz da “subordinação” da mulher ao homem seja a igreja.

Sendo assim, as mudanças de paradigmas devem vir do eclesiástico, por acreditarem que:

A desigualdade, a injustiça e o desrespeito são práticas comuns e, as vezes, aparecem camufladas em nossas ações, inclusive em nossas ações dentro de nossas comunidades de fé. A igreja também contribuiu (e de certa forma ainda contribui) para a construção da desigualdade entre os gêneros. Vejamos alguns exemplos: – Quantas vezes você já pensou em Deus como Mãe? Nem sempre é fácil imaginar Deus numa perspectiva maternal, pois fomos ensinados e ensinadas, a partir da visão patriarcal, a reconhecer a Deus somente como uma figura masculina – o Deus Pai. – A visão patriarcal também pode ser percebida na liturgia e principalmente na interpretação bíblica.¹⁷

Em se falando de sociedade, questionam o fato de que – segundo elas/es -praticamente todos os instrumentos existentes na sociedade

¹⁷ BLASI, Marcia; BRUN, Marli; DILLENBURG, Scheila. Questões de gênero na vida comunitária: um desafio para todas as pessoas. In ____: Curso de Extensão: Questões de gênero. São Leopoldo-RS, 2016, p. 19-20.

atual favorecessem os interesses dos homens. O veículo controlador de opinião de massa – a mídia – tem sido um instrumento que promove a visão masculina do mundo – acreditam; para a Teologia Feminista este é mais um indicativo de que é preciso que haja uma nova abordagem em se fazer teologia, uma nova hermenêutica.

Dentro da perspectiva de uma “nova hermenêutica” que leve em consideração a ótica das mulheres, as teólogas passam a reler os textos bíblicos, tentando desconstruir os nós que prendem a mulher a uma imagem negativa na tradição cristã, marcada pelo peso do pecado original. Apresentam Eva como parte da boa criação divina e não como a culpada pela queda da humanidade. Descobrem o papel das heroínas bíblicas do Antigo Testamento, segundo a narrativa, mulheres fortes que guiaram ou libertaram o seu povo. Reivindicam a “feminização” dos conceitos teológicos, com a introdução de um princípio feminino na noção de Deus e da Santíssima Trindade. Valorizam o papel de Maria não como a virgem submissa, mas como a mulher que disse não ao pecado ou como a única ponte inquestionável entre Deus e os homens, entre o espírito e a carne. E, especialmente, focam a relação de Jesus e da comunidade cristã primitiva em termos igualitários. Demonstram como ele teria promovido uma posição digna e prioritária às mulheres, o que teria sido escamoteado no processo de institucionalização da Igreja já nos primeiros séculos, resultando em uma “patriarcalização” dos conceitos e tradição e afastamento das mulheres das posições de poder e acesso ao sagrado.¹⁸

As teólogas feministas não aceitam o fato – que para elas/es é um absurdo – de que mesmo em um país onde a população feminina é maior que a masculina, ainda assim os meios de comunicação enfatizam mais o homem que a mulher.

Uma hermenêutica bíblica feminista seria chave fundamental para ajudar a desconstruir as estruturas existentes – sejam elas quais forem – que fomentam a desigualdade entre homem e mulher; para isto, seria necessário suspeitar dos conceitos teológicos tradicionais. Conforme Ivone Gebara, este processo já teve início.

¹⁸ ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: O feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 8/9, p. 57-58, 1997.

Diante da constatação crescente da dominação do ídolo divino masculino sobre suas vidas, as teólogas feministas começaram a introduzir a metodologia da suspeita e da desconstrução de conceitos teológicos (Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, Pecado, Bem e Mal, Encarnação, Redenção etc.) para verificar-lhes a origem e a pertinência em relação à experiência histórica e feminina. Estendeu sua investigação para os textos da Bíblia considerados Palavra de Deus e denunciaram o mau uso do texto em vista da execução de políticas que favorecem a uns e desfavorecem a outros. Percebeu o quanto a chamada transcendência era regionalista, masculina e sexista e aliada dos poderes de manutenção dos povos na ignorância e na alienação. A grande massa, salvo exceções, aprendeu doutrinas cristãs universais abrindo mão de sua capacidade de pensar. Tornou-se beligerante e sectária na defesa de suas verdades religiosas.¹⁹

Os conceitos teológicos até então tido como verdade deixaram de ser. A Trindade²⁰ foi questionada, não só ela, mas também o conflito entre bem e mal e de igual maneira a pessoa e o papel de Cristo na história.

Para chegarem onde pretendia a Teologia Feminista primeiramente se encarregou de desconstruir os pressupostos base da fé cristã – Deus, Cristo e o Espírito Santo – apresentado como resultado de uma má interpretação pretensiosamente masculina. Isto é dizer que a religião está condicionada pelo gênero²¹. Possivelmente, este pensamento de que a religião está condicionada ao gênero tenha surgido com base na filosofia grega, onde havia deuses para todas as classes – até para os animais.

¹⁹ GEBARA, Ivone. Teologia, feminismo e filosofia: a teologia feminista é parte de uma revolução cultural que ainda está em seus primeiros passos. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/teologia-feminismo-e-filosofia/>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

²⁰ A Trindade (T.) é o mistério de *um só Deus* (D) em *três pessoas*, o Pai (P), o Filho (F) e o Espírito Santo (ES), reconhecidas como distintas na unidade de uma só natureza, ou essência, ou substância (LACOSTE, 2004, p. 1760).

²¹ Dentro da Teologia Feminista “gênero” é tido como a construção social ou cultural do homem ou mulher, e não simplesmente masculino e feminino. Sendo assim, uma pessoa pode nascer macho ou fêmea (sexo – masculino e feminino), mas isto não é afirmar ser homem ou mulher, pois em que vai determinar se o indivíduo deseja ser homem ou mulher é sua construção social e cultural.

Para algumas teólogas e teólogos feministas se a teologia não mudar a maneira como a sociedade concebe Deus, as mulheres e todas as pessoas marginalizadas – incluem-se aí os negros e negras – viveriam uma “eterna” subordinação. Segundo elas/es, o divino deve ser desconstruído e renomeado, pois eles servem como instrumentos políticos de opressão.

2.4.1. Influência no catolicismo

No ano de 1911 foi instituída na Grã-Bretanha um dos primeiros movimentos entre os católicos que sugeria assegurar os direitos entre homens e mulheres em todas as esferas. A este movimento deu-se o nome de Aliança Internacional Joana D’Arc. Chegaram a utilizar – se do pronome feminino “Ela” para se referir a Deus, pois segundo elas, Deus não é nem masculino nem feminino, pois está além das diferenças sexuais; com isto tentaram relativizar a Deus – pelo menos no plano linguístico.

Com a entrada da mulher no campo profissional houve um choque entre o Vaticano e as mulheres católicas, o que trouxe um pesadelo aos líderes da instituição que por sua vez reagiram.

Na década de 1970 as mulheres católicas começaram a se ver como ordenadas ao pastorado ou presbitério onde começaram a rever seus papéis ministeriais. Elas queriam uma explicação: porque uma mulher não poderia exercer uma função sacerdotal?

Ante a algumas respostas por parte do Vaticano a respeito do assunto-porque a mulher não poderia servir como ministro ordenado – a ordenação tornou-se um tema importante – e ao mesmo tempo polemico – e um marco para suas reivindicações por justiça na igreja.

Além da ordenação, em 1973 as mulheres católicas abraçaram outras causas, como por exemplo: o direito de que toda católica em sã consciência poderia apoiar o direito de a mulher ter um aborto legal.

Outro fato interessante que surgiu em 1983 foi a Conferência das Católicas Lésbicas. Após este encontro, algumas católicas assumiram sua identidade lésbica e se aceitaram como tal sem nenhum constrangimento quanto a possível inconformidade com a fé católica.

Na medida em que o tempo passa esses grupos têm se fortalecido cada vez mais. Prova disto foi à formação da organização – Ordenação da Mulher em Todo Mundo – que surgiu no ano de 1996, e contava com grupos de

quatorze países. Estes grupos tinham como propósito, promover a ordenação da mulher ao ministério pastoral na igreja católica em todo o mundo.

Não dá para enumerar aqui todos os grupos de mulheres católicas que lutaram e lutam pela ordenação da mulher ao ministério; mas o que podemos dizer, é que a Teologia Feminista teve grande influência entre teólogas e teólogos católicas/os que levantam a bandeira da ordenação feminina ao sacerdócio; não apenas as católicas, mas também as protestantes foram influenciadas pela Teologia Feminista.

2.4.2. Influência no protestantismo

Desde os anos de 1853 as igrejas livres dos Estados Unidos já praticavam a ordenação de mulheres ao pastorado, mas talvez o momento mais importante fosse entre os anos de 1956 a 1965 quando as principais igrejas protestantes começaram a aceitar as mulheres no ministério pastoral. Ainda que tal fato tenha ocorrido, não quer dizer que foi fácil, e que foi bem aceito por toda a membresia de suas respectivas igrejas; como toda e qualquer mudança, teve seus embates.

Acima de tudo, vale ressaltar que o grau de aproximação das teólogas e teólogos protestantes com o Movimento Feminista é mais intenso do que as teólogas e teólogos católicas/os; sem dizer que de certa forma os interesses não são praticamente os mesmos. Por mais que os dois grupos – católicos e protestantes – lutem pela igualdade entre homens e mulheres, a motivação entre ambas não são as mesmas.

Uma primeira diferenciação entre católicas e protestantes é quanto ao sacerdócio feminino. A ordenação feminina é a principal reivindicação das teólogas protestantes, enquanto que não é para as católicas, ainda que a luta por igualdade esteja dentro de um movimento que reúna tanto católicas quanto protestantes. As católicas substituem esta conquista das protestantes pelo domínio do saber. A produção de conhecimento teológico é visto por elas como muito mais importante do que a ordenação propriamente dita.²²

²² JUNIOR, José Nunes dos Santos; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. O movimento feminista enquanto projeto de emancipação para o pastorado feminino. In_____: XIII SIMPÓSIO DA ABHR. São Luiz – MA, GT: Gênero e Religião, 2012. p. 10.

Os desejos das teólogas protestantes estão mais concentrados na relação de “poder” eclesial no que se refere a uma função pastoral na igreja; diferente um pouco das teólogas e teólogos católicas/os que em primeira instância estão empenhadas em ter o domínio do saber e do fazer teologia deixando a questão de hierarquia para um plano subsequente.

Portanto, a despeito dos interesses das teólogas e teólogos católicas/os como também das/os protestantes, fica evidente que o Movimento Feminista e a Teologia Feminista tiveram uma enorme influência que abriram caminhos para que as mulheres pudessem se ver como pastoras.

A partir dos anos de 1970 as igrejas protestantes nos Estados Unidos tomam a decisão de ordenar mulheres, estas por sua vez – as mulheres – se empenham em buscar um respaldo bíblico para esta vindicação. Daí em diante paulatinamente este assunto vem se tornando tema de debate em várias igrejas ao redor do mundo e vem ganhando não só admiradores/as como também defensores/as.

Não há como negar a influência que a Teologia Feminista exerceu e exerce sobre as igrejas protestantes que uma vez não permitiam a ordenação da mulher ao ministério e que agora admitem mulheres como pastoras.

Considerações finais

Evidenciou-se que a Teologia Feminista que surgiu a partir da revolução do século XIX e XX teve grande influência por parte do Movimento Feminista trouxe algumas mudanças no campo da Teologia e Filosofia.

Com o surgimento de algumas filosofias no século XIX e XX a estrutura teológica da Igreja foi abalada e a autoridade da Bíblia foi questionada, como também o modelo de Divindade bíblico cristão.

Foi necessário então, fazer uma desconstrução do conceito bíblico de Divindade, que estava associado à figura masculina. Dentro deste processo de releitura da Bíblia a Teologia Feminista se encarregou de lutar por uma hermenêutica bíblica feminista, vindo assim a influenciar fortemente mulheres católicas como também protestantes, e em específico na questão da ordenação da mulher ao ministério sacerdotal.

Referências

- BLASI, Marcia; BRUN, Marli; DILLENBURG, Scheila. Questões de gênero na vida comunitária: um desafio para todas as pessoas. In ____: *Curso de Extensão: Questões de gênero*. São Leopoldo-RS, 2016, p. 24.
- ELISABETH, Gössmann et al. (Org.). *Dicionário de teologia feminista*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FILHO, Augusto Bello de Souza. *A teologia feminista*. Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>>. Acesso em: 11 abr. 2015.
- GEBARA, Ivone. *Teologia, feminismo e filosofia: a teologia feminista é parte de uma revolução cultural que ainda está em seus primeiros passos*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/teologia-feminismo-e-filosofia/>>. Acesso em: 06 abr. 2015.
- _____. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- JUNIOR, José Nunes dos Santos; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. O movimento feminista enquanto projeto de emancipação para o pastorado feminino. In ____: XIII SIMPÓSIO DA ABHR. São Luiz – MA, GT: Gênero e Religião, 2012.
- KOOGAN; Abrahão (Org.). *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Supervisão de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Delta, 1993.
- LACOSTE, Jean-Yves. (Orgs.). *Dicionário crítico de teologia*. Tradução de Paulo Meneses [et al.] São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.
- POWELL, Jim. *Biografia Elizabeth Stanton*. Disponível em: <<http://ordemlivre.org/posts/biografia-elizabeth-stanton>>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- ROHDEN, Fabíola. *Catolicismo e protestantismo: O feminismo como uma questão emergente*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 8/9, p. 57-58, 1997.